

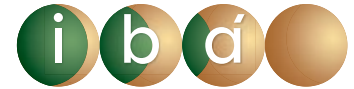


DIVULGAÇÃO IBÁ



POR PAULO HARTUNG

Economista, presidente-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), membro do conselho do Todos Pela Educação, ex-governador do Estado do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)
E-mail: presidencia@iba.org



indústria brasileira de árvores

BIOECONOMIA, UM DOS EIXOS PARA O PÓS-PANDEMIA

FMAIS / ADOBE STOCK



As atuais gerações jamais vivenciaram um momento tão difícil como o atual. Numa pandemia mortífera, são várias as trincheiras de enfrentamento. Temos de lutar para salvar vidas humanas, manter empregos e fazer a atividade econômica continuar funcionando.

Essas prioridades de travessia são impositivas para que o Brasil não saia de joelhos deste momento de turbulência ímpar. Precisamos fazer o necessário para que, no pós-pandemia, estejamos de pé e tenhamos tração suficiente para oferecer oportunidades a brasileiros, especialmente aos jovens.

Tal roteiro de caminhada deriva de um aprendizado de vida: toda crise tem início, meio e fim, não importa o quão dura seja a travessia. Nessa perspectiva, há muito a fazer no hoje em prol do futuro, como reformas estruturantes, investimento em saneamento básico, educação e infraestrutura.

A refundação de nossa matriz produtiva, considerando especialmente o modo como nos relacionamos com a natureza, é outra tarefa de nossa agenda em prol da viabilidade do futuro em nosso planeta.

Nesse caminho, o da sustentabilidade, é que o País precisa transformar seu enorme potencial ambiental em riquezas, renda, empregos, divisas e, conseqüentemente, diminuição da desigualdade social, uma das mazelas que mais nos envergonham.

Dentro de casa, temos um exemplo fortíssimo que aponta para a direção correta. Trata-se do setor de árvores cultivadas, que já nasceu sob a luz da bioeconomia. Presente principalmente em regiões afastadas dos grandes centros, leva oportunidades a locais antes socialmente deprimidos.

Pela natureza de seu negócio, a indústria de árvores plantadas pensa cuidadosamente no menor impacto para o meio ambiente em cada etapa de seu processo, desde o investimento em pesquisa para aumentar produtividade e melhorar o manejo no campo até o uso de defensivos agrícolas biológicos, por exemplo.

Além disso, o cuidado com as árvores cultivadas, comumente plantadas em áreas antes degradadas pela ação humana, presta importantes serviços ambientais, como auxílio na fertilidade do solo e regulação do fluxo hídrico.

Já no processo fabril, há décadas a indústria vem se modernizando e melhorando seus processos para diminuir o uso de água, reaproveitar resíduos e gerar sua própria energia elétrica, inclusive disponibilizando parte para a rede pública.

Esse processo e cuidado tornam esta indústria uma referência para o mundo, que, além de florestas produtivas e certificadas pelas principais instituições, como o FSC, é um dos setores que mais conserva, com 5,6 milhões de hectares de matas nativas preservadas, e 4,2 bilhões de CO₂ estocados.

Aliás, com uma boa regulação, o País tem tudo para oferecer *know-how* no mercado de carbono. No setor de árvores cultiva-

das, podemos citar o exemplo da CMPC, considerada carbono neutro, ou seja, que capta mais CO₂ do que emite.

O resultado de tudo isto é atender a uma demanda cada vez maior de novos consumidores, presentes em todo o mundo, que exigem produtos de qualidade, com certificado de origem e garantia de pós-uso, seja reciclável ou biodegradável.

Mas não é só de ações consolidadas que se pode falar. Inovações em bioeconomia já estão em pesquisa e desenvolvimento. Fibras para indústria têxtil, nanocelulose, biocombustíveis, biocompósitos, entre outros.

Neste momento, em que é impositivo pensar o futuro que estamos construindo, inclusive a partir dos impactos da pandemia do novo coronavírus, o setor de árvores cultivadas tem um enorme portfólio de atitudes, procedimentos e processos que pode inspirar a formulação e a consolidação do “novo normal” da economia e de sua interface com o cotidiano das nossas comunidades e consumidores.

A bioeconomia se coloca como um dos eixos mais potentes do pós-pandemia, seja por interface inovadora entre produção, natureza e comunidade, seja pela constituição de processos produtivos sustentáveis, seja pela oferta de produtos que renováveis, recicláveis e biodegradáveis, entre outros. Por sua experiência, inclusive na vanguarda do setor de árvores cultivadas, o Brasil tem tudo para assumir este protagonismo.

Desde a Rio 92, o País trabalhou para reverter a imagem das décadas de 1970 e 1980 e construir uma reputação ambiental internacional de muito respeito. Elaboramos o Código Florestal, colocando na mesma mesa iniciativa privada, sociedade civil, poder público e academia.

Além de não podermos deixar este patrimônio nacional se extinguir, podemos e devemos investir para que ele se fortaleça e se torne referência para a reinvenção do mundo.

Equilibrar a agenda do presente, cuja prioridade é salvar vidas humanas, com a pauta do futuro é um desafio posto neste momento trágico vivido pela humanidade. Na hora de pensar no horizonte, gesto impositivo e necessário até mesmo para inspirar a dura travessia pela qual estamos passando, a bioeconomia é mais que uma possibilidade, é um caminho testado e aprovado e no qual o Brasil já se tornou referência global. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br